



A VIOLÊNCIA QUE COMEÇA NO ÚTERO: NARRATIVAS DE MÃES- PROFESSORAS NEGRAS

Gabriela Nobre Bins¹, Cristiane da Silva Costa², Ivanize Christiane do Nascimento Honorato³, Elenice Leite Ferreira⁴, Luanda dos Santos Dutra⁵, Natacha da Silva Tavares⁶

¹ Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre, ganobre@hotmail.com,

² Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre, crisdac10@gmail.com,

³ Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre ivanizehonorato@gmail.com

⁴ Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre, creac2002@hotmail.com,

⁵ Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre, luandapoa@gmail.com,

⁶ Prefeitura municipal de Viamão, profnatacha.silva@gmail.com.

Propósito

Este trabalho é fruto da pesquisa de Pós-doutorado de uma das autoras e está vinculado ao Projeto de Pesquisa: “Maternidade, Docência e Educação Física: O impacto dessas experiências vividas na formação inicial, na formação permanente e no trabalho de Pprofessoras da Educação Básica e do Ensino Superior no Estado do RS”. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compreender as relações entre maternidade e suas interseccionalidades, ou seja, a realidade trabalho de mães professoras de Educação Física negras e a luta cotidiana contra o racismo estrutural. A questão de pesquisa que nos orientou foi: Quais os impactos dos atravessamentos de raça e da maternidade nas vidas de professoras negras de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RMEPOA) que são mães?

Revisão da literatura

O sistema colonial moderno é estruturado a partir das categorias de gênero e raça. Nesse sentido, procuramos olhar os fenômenos sociais a partir da interseccionalidade e destacar a importância desta última para uma perspectiva decolonial. Kilomba (2019), apoiada em Collins (2021), alerta para a diferença entre interseccionalidade e sobreposição de opressões. Kilomba (2019) argumenta que adotar uma metodologia de análise interseccional não é considerar o acúmulo de várias formas de violência, mas compreender o processo de entrelaçamento entre elas.

Procedimentos metodológicos

Os caminhos metodológicos trilhados foram os da pesquisa qualitativa, através de entrevistas com quatro professoras negras da RMEPOA. O levantamento inicial de professoras negras de EF da RMEPOA resultou em 12 professoras, dentre as quais sete eram mães. Contudo, apenas quatro aceitaram participar da pesquisa. As quatro professoras estão na faixa dos 40 anos de idade, têm filhos e filhas entre oito meses e 13 anos e atuam na RMEPOA há mais de 10 anos. As experiências das quatro docentes têm diversos pontos em comum, mas, também, apresentam particularidades. Neste trabalho vamos focar em um dos pontos em comum.

Resultados

Construímos quatro categorias de análise das narrativas e nesta comunicação analisaremos a primeira categoria: “Violência que começa no útero”. Relacionada à violência obstétrica, essa categoria nos leva a refletir sobre direitos reprodutivos e como esses foram vistos e construídos ao longo do tempo, inclusive sobre a política de esterilização, pela qual as mulheres negras foram submetidas. A esterilização visava diminuir o contingente de pessoas negras no país, como parte de uma política eugenista. Segundo Baia (2021, p. 37), “Quando pensamos as questões que envolvem as mulheres negras nos quesitos de saúde reprodutiva e maternidade, é possível notar que, geralmente, elas são vistas como prejuízo e problema social”. Essa construção histórica ainda hoje afeta as mulheres negras no exercício de seus direitos reprodutivos.

A violência obstétrica pode acontecer antes, durante ou após o parto, seja com a mãe ou com a criança recém-nascida. Essa violência é caracterizada quando profissionais de saúde negam atendimento, não informam corretamente sobre os procedimentos e o uso de medicamentos, negam o direito a acompanhante, desrespeitam as escolhas da gestante, desconsideram as percepções/sensações da mulher, ofendem verbalmente, ameaçam e, até, cometem violências físicas. Segundo Pereira (2022), “A pesquisa mais recente foi publicada em 2012, pelo Nascer no Brasil, da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz): 30% das mulheres

atendidas em hospitais privados sofreram violência obstétrica, enquanto no SUS (Sistema Único de Saúde), a taxa é de 45%”.

O número é alarmante. Quando fazemos um recorte de raça, os dados ficam ainda piores, pois, de acordo com o site "noticiapreta.com.br", 61,3% das vítimas de violência obstétrica no Brasil são gestantes negras. Porém, nem sempre essas gestantes conseguem perceber de imediato que passaram por uma situação de violência obstétrica, como narrado por participantes da pesquisa:

Estava em um conselho de classe, faltando alguns dias para a data do parto, e comecei a sentir dor. Minhas colegas disseram que já era dor do parto, mas eu continuei trabalhando. Por via das dúvidas, quando sai ao meio-dia, passei no Centro Clínico. A médica que me atendeu fez o exame de toque e disse: ‘ta bem fechado... tu não sabe que o corpo se transforma e que tu sente dor? É normal sentir dor’. Isso era 13h. Às 18h eu já estava com cinco dedos de dilatação. Aí sábado, ouvindo a palestra que falava sobre violência obstétrica, eu me dei conta que esse atendimento foi puro descaso... por achar que a mulher negra aguenta mais dor... (trecho da entrevista professora I, julho/23).

Sofri com violência obstétrica. Na época eu não tinha convênio, fui super bem atendida no pré-natal pelo SUS, mas o momento do parto foi bem traumatizante. Fiquei por muito tempo em trabalho de parto sentindo as dores. Não recebi medicação para diminuir as dores, e além de ficar tanto tempo em trabalho de parto e em sofrimento, tive um erro médico... a agulha da anestesia não era agulha adequada para o meu tamanho, o líquido extravasou a meninge e aí eu tive uma dor de cabeça terrível por 20 dias e pra essa dor passar eu tinha que ficar deitada sem travesseiro [...] Os primeiros 20 dias foram terríveis [...] (trecho da entrevista com a professora C, julho/2023).

O impacto da raça na maternidade vai além dos índices de violência obstétrica e descasos com as gestantes. Existe uma dimensão política de ser mãe negra e criar filhos e filhas negras (Baia, 2021). Ser mãe de uma criança negra também “É estar sempre preocupada com o que pode acontecer por ele ser negro” (trecho da entrevista da professora C, julho, 2023). É recorrente a narrativa de mães que sofrem com medo de que algo possa acontecer a seus filhos e filhas. Para as mães negras, e, em especial, mães de meninos negros, o medo inclui aqueles que deveriam proteger seus filhos, como policiais e seguranças.

Quando meu filho tinha 6 anos, ele de moletom canguru no supermercado e eu notei os olhares, e o segurança nos seguindo. Aos 6 anos foi a primeira vez

que conversei sobre racismo com meu filho... é uma conversa bem dolorida.
(trecho da entrevista da professora C, julho, 2023).

Na sua pesquisa de mestrado, Baia (2021) se depara com narrativas como a das colaboradoras deste estudo:

Eu penso que sim, é político criar filhos negros, porque pra mulher branca, ela não passa por essa situação (do filho ser morto pela polícia), a polícia tá ali pra proteger meu filho, enquanto uma mãe negra... Sempre vai chegar [...] a primeira coisa que a mãe negra fala, pelo menos eu falo pro meu é "não confia na polícia", "se você ver a polícia se aproximar não corra, continua normal, não faça movimentos bruscos, porque qualquer coisa ela vai te atingir", então essa acho que é uma diferença muito marcada (Baia, 2021, p. 148).

De todas as narrativas ouvidas por Baia (2021), a de Márcia, foi, segundo ela, a mais contundente em relação ao genocídio cometido pelo estado contra jovens negros. Esse era o medo mais latente de Márcia como mãe.

Se posicionar como uma mãe que procura blindar seu filho do racismo não faz com que o racismo o atinja... Ao contrário, Rita relata que a discriminação o alcançou em alguns momentos. Ainda assim, é bastante importante que pensemos como as mulheres negras vêm adotando estratégias de sobrevivência para elas e seus(suas) filhos(as). Utilizar de recursos financeiros foi uma estratégia utilizada por Rita, na tentativa de subverter o que o estigma (cor) traz para a vida de seu filho, mas poderia ter sido qualquer outro (Baia, 2021, p. 75).

Implicações da pesquisa

A maternidade de mulheres negras está constantemente envolta em enfrentamentos das mais diversas formas de violência, desde as impostas ao longo do processo histórico de eugenia e esterilização, passando pelas violências obstétricas, ao medo das violências do estado e da polícia em relação a seus filhos e filhas. Neste percurso, as mães tentam blindar seus filhos e filhas do preconceito, da discriminação e da violência, mas nem sempre são bem-sucedidas.

Concordamos com Baia (2021, p. 50), ao afirmar que "Trazer as narrativas de mulheres negras é importante porque 'falar de si é uma maneira de existir', para alguns grupos esse existir



encontra-se presente desde sempre, para outros não, conseqüentemente, contar é uma possibilidade de estar viva de alguma maneira".

Com as narrativas de professoras, mães negras, estamos reafirmando essa existência, a importância e a potência da representatividade dessas mulheres. Estamos, do mesmo modo, visibilizando os impactos da maternidade em nossos seres. Pois a maternidade foi para algumas de nós uma mola propulsora para olharmos as situações de racismo de forma mais crítica e ativa.

REFERÊNCIAS

- Baia, L. P. V. (2021). *Maternidade tem cor? Narrativas de mulheres negras sobre maternidade*. Curitiba: Appris.
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano* (J. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Cobogó.
- Pereira, R. (2022, August 9). *Um olhar para a violência obstétrica*. *Humanista: Jornalismo e Direitos Humanos*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://bit.ly/4fB6hNu>